

Orquestra Gulbenkian

Alexander Liebreich
Alban Gerhardt
Johanna Winkel
Michael Nagy



16 + 17 mar 23



16 mar 23 QUINTA 20:00

17 mar 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian
Alexander Liebreich Maestro
Alban Gerhardt Violoncelo
Johanna Winkel Soprano
Michael Nagy Barítono

Un Suk Chin

Concerto para Violoncelo

c. 30 min.

1. *Aniri*
2. (sem título)
3. (sem título)
4. (sem título)

INTERVALO

Alexander Zemlinsky

Sinfonia Lírica, op. 18

c. 45 min.

1. *Ich bin friedlos* / Sinto-me inquieto
2. *O Mutter, der junge Prinz* / Ai mãe, o jovem príncipe
3. *Du bist die Abendwolke* / Tu és a nuvem noturna
4. *Sprich zu mir Geliebter* / Fala comigo, meu amor
5. *Befrei mich von den Banden deiner Süße* /
Liberta-me dos laços da tua doçura
6. *Vollende denn das letzte Lied* / Termina então a última canção
7. *Friede, mein Herz* / Paz, meu coração

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

UnsuK Chin

(n. Seul, 1961)

Concerto para Violoncelo

COMPOSIÇÃO 2006-2008 / rev. 2013

ESTREIA Munique, 10 de junho de 2013

DURAÇÃO c. 30 min.

Na década de oitenta do século passado, a compositora sul-coreana UnsuK Chin, atualmente residente em Berlim, começou a captar a atenção internacional com uma expressão musical marcadamente individual. A sua aprendizagem foi marcada pelos estudos realizados com György Ligeti (1985-88), que a encorajou a encontrar as premissas dessa individualidade artística. Desde esses anos, UnsuK Chin afirmou a sua originalidade, tendo-se sucedido as distinções (entre as quais avulta o prestigioso *Grawemeyer Award*, em 2004), bem como encomendas de destacados intérpretes e instituições a nível internacional.

Para o seu Concerto para Violoncelo, em quatro andamentos, UnsuK Chin inspirou-se na “arte única de Alban Gerhardt”. O violoncelista estreou a obra em 2009, nos *BBC Proms* (Royal Albert Hall), em Londres, sob a direção de Ilan Volkov. Em 2013, Gerhardt foi também o solista na estreia da versão revista da obra, em Munique, com o maestro Kent Nagano.

UnsuK Chin refere-se muito raramente às tradições musicais da sua Coreia natal. No Concerto para Violoncelo, porém, encontramos uma pista: o primeiro andamento, *Aniri*, o único a que

a compositora atribuiu um título, remete-nos para o género vocal tradicional coreano *Pansori*, um drama épico narrativo, ou “ópera” para uma voz, *soriggun*, e um percussionista, *gosu*. A voz conta uma história através do canto (*sori*), da fala (*aniri*) e de gestos teatrais (*nuhreum*), funcionando *aniri* como uma espécie de recitativo, impulsionando a narrativa e fazendo a ligação entre os vários episódios *sori*. Como um vocalista eloquente de uma narrativa épica, o violoncelista concentra sobre si as atenções. Os espectros entre o canto e o ruído são explorados com técnicas de execução altamente diferenciadas. A orquestra segue sombriamente o violoncelo, assumindo uma postura concisa, mas também sedutora sobre os arpejos e passagens harmónicas do solista. Uma curta cadência faz o discurso regressar ao Sol sustenido central. A persistência sonhadora é interrompida por uma detonação abrupta – impulsos febris do violoncelo misturam-se com a extinção orquestral. Com a instrução de tocar “o mais rápido possível”, Chin homenageia também o Concerto para Violoncelo do seu mestre György Ligeti.

MIGUEL MARTINS RIBEIRO

Alexander Zemlinsky

(Viena, 1871 – Larchmont, 1942)

Sinfonia Lírica, op. 18

—

COMPOSIÇÃO 1922-1923

ESTREIA Praga, 4 de junho de 1924

DURAÇÃO c. 45 min.

Personalidade menos conhecida da denominada Segunda Escola de Viena, Alexander Zemlinsky conheceu Arnold Schönberg em 1894, quando este último se tornou seu discípulo de composição juntamente com Erich Korngold. A profícua relação académica entre estes três vultos criativos levou, em 1904, à fundação da Sociedade dos Artistas-Compositores, destinada a promover o modernismo musical. Depois de ter colaborado com a Ópera de Viena, a convite de Gustav Mahler, Zemlinsky saiu da capital austríaca para se tornar diretor do Neues Deutsches Theater de Praga, instituição dedicada à promoção da música dramática em língua germânica. Entre 1911 e 1927, o compositor firmou aqui a sua reputação com a estreia de partituras como a ópera *Uma Tragédia Florentina* e a *Sinfonia Lírica*. Em 1927 abandonou Praga para dirigir a Ópera Kroll de Berlim, até 1930. Zemlinsky regressou ainda a Viena, mas com a ameaça da anexação da Áustria pelo Terceiro Reich decidiu emigrar para os Estados Unidos, onde viria a falecer em situação de grande isolamento familiar e precariedade financeira. Página suprema do génio dramático de Zemlinsky, a *Sinfonia Lírica* foi composta entre 1922 e 1923, na esteira de outra obra maior do início do século XX, a *Canção da Terra*, de Mahler. Procurando o mesmo compromisso entre a escrita para grande orquestra e a expressão

dramática da voz humana, a partitura estrutura-se em sete andamentos declamados, alternadamente, por um barítono e um soprano, sobre poemas do escritor e dramaturgo hindu Rabindranath Tagore (1861-1941). O talento inato de Zemlinsky desperta, desde logo, no *Langsam* (lento) inicial, um mostruário sumptuoso dos recursos tímbricos e expressivos da orquestra, emoldurados por uma aura de ambiguidade, trazida pelo barítono quando opõe os sentimentos de insatisfação ao desejo de ascese espiritual. No segundo andamento, *Lebhaft* (vivo), é a vez do soprano expor a expectativa da donzela que aguarda a passagem do jovem príncipe por quem se apaixonou. Um prolongado interlúdio orquestral faz a ponte para a introdução do terceiro andamento, *Sehr ruhig* (muito calmo). Neste homólogo de andamento sinfónico lento, o barítono entoa uma expressiva cantilena, harmonizada por cores orquestrais de beleza ímpar. Já o quarto andamento, *Langsam*, ascende a um plano etéreo, no qual o soprano e o primeiro violino juntam forças para tecerem o elogio do amor. Irrompe, depois, o agitado quinto andamento, *Feurig und kraftvoll* (ardente e vigoroso), súplica veemente do protagonista para se ver livre dos grilhões do amor e reaver a sua virilidade. O sexto andamento, *Sehr mässige Viertel* (andante) lança o apelo à despedida dos amantes, com uma textura misteriosa, assente nos breves motivos orquestrais e na angulada melodia do soprano, deixada flutuar a solo, em breves passagens. A reflexão apaziguadora do protagonista preenche o sétimo e derradeiro andamento, *Molto adagio*, animada por vários dos motivos iniciais da obra, os quais persistem até à extinção do som.

RUI CABRAL LOPES

Alexander Liebreich

Desde o início da temporada 2021/22, Alexander Liebreich é o Maestro Principal e Diretor Artístico da Orquestra de Valência. Anteriormente desempenhou idênticas funções na Orquestra de Câmara de Munique, na Orquestra Sinfónica da Rádio Nacional Polaca e na Orquestra Sinfónica da Rádio de Praga. Desde 2018, é também Diretor Artístico do Festival Richard Strauss, em Garmisch-Partenkirchen. Entretanto, foi eleito presidente da Richard Strauss Society, sucedendo a Wolfgang Sawallisch e Brigitte Fassbaender. De 2015 a 2018, foi Diretor Artístico do festival *Katowice Kultura Natura*. Os destaques de atuações recentes incluem estreias no Festival de Grafenegg e no Festival George Enescu, em *La Folle Journée* de Varsóvia e à frente da Deutsche Radio Philharmonie. Para além da direção de concertos e de espetáculos de ópera, Liebreich é reconhecido pelos projetos inovadores. Em 2011 tornou-se o primeiro diretor artístico europeu do Festival Internacional de Música de Tongyeong, na Coreia do Sul. Com o objetivo de encorajar os intercâmbios interculturais, implementou o “east-west-residence-programme”, convidando artistas como Heiner Goebbels, Unsuk Chin, Martin Grubinger, Toshio Hosokawa e Beat Furrer. Em outubro de 2016, foi distinguido pelo Ministério da Educação, Cultura, Ciência e Arte da Baviera com o Prémio Especial de Cultura. Alexander Liebreich, nasceu em Ratisbona (Regensburg), na Alemanha, e estudou na Hochschule für Musik und Theater, em Munique, e no Mozarteum de Salzburgo. Adquiriu muita da sua experiência inicial com Michael Gielen e Nikolaus Harnoncourt. Foi também muito influenciado pelo seu mentor Claudio Abbado, do qual foi maestro assistente em produções do Festival de Páscoa de Salzburgo, com a Filarmónica de Berlim, e em Bolzano, com a Orquestra Juvenil Gustav Mahler.

Alban Gerhardt

A carreira profissional do violoncelista alemão Alban Gerhardt recebeu um renovado impulso em 1991, quando se apresentou com a Filarmónica de Berlim e o maestro Semyon Bychkov. Ao longo de mais de trinta anos, a sua intensa musicalidade tem sido muito elogiada, bem como a sua cativante presença em palco. Gerhardt é também um investigador com uma insaciável curiosidade artística, dedicando-se à pesquisa de novas abordagens do repertório, tanto do passado como do presente. Como solista, tocou com todas as orquestras das rádios inglesas e alemãs, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão e a Orquestra do Tonhalle de Zurique, bem como as Sinfónicas de Cleveland, Filadélfia, Boston e Chicago. Recentemente, estreou o *Concerto para Violoncelo* de Julian Anderson, com a Orquestra Nacional de França, depois do sucesso obtido com as suas interpretações do *Concerto* de Brett Dean, com a Sinfónica de Sydney, a Filarmónica de Berlim, a Filarmónica de Nova Iorque, a Sinfónica da Rádio Sueca e a Filarmónica de Londres. Na presente temporada, realiza uma digressão na América do Norte com o pianista Steven Osborne. Colaborou recentemente num novo projeto artístico intitulado *Love in Fragments*, com a violinista Gergana Gergova, a coreógrafa Sommer Ulrickson e o escultor Alexander Polzin, estreado no 92 NY, em Nova Iorque. No domínio discográfico, Gerhardt foi premiado várias vezes, com destaque para a gravação do *Concerto para Violoncelo* de Unsuk Chin (DG), que recebeu um prémio *BBC Music Magazine*. O recente álbum *Shostakovich: Cello Concertos* (Hyperion), com a Orquestra Sinfónica WDR e o maestro Jukka-Pekka Saraste, foi premiado com o *International Classical Music Award* em 2021. Alban Gerhardt toca um violoncelo Matteo Goffriller de 1710.

Johanna Winkel

Johanna Winkel afirmou-se inicialmente no domínio da Música Antiga. Desde então, tem vindo a expandir consistentemente o seu âmbito estilístico, incluindo os repertórios romântico e moderno. Em concerto, cantou com os agrupamentos musicAeterna, sob a direção de Teodor Currentzis, Orquestra Beethoven de Bona e Christof Prick, Sinfónica da Rádio Sueca e Peter Dijkstra, Sinfónica WDR de Colónia e Simon Halsey, e Orquestra do Konzerthaus de Berlim e Iván Fischer, entre muitos outros. Johanna Winkel apresenta-se com regularidade nos palcos de ópera. Depois de, durante os seus estudos, ter interpretado os papéis de Mimi (*La bohème*), Donna Elvira (*Don Giovanni*) e Micaëla (*Carmen*), acrescentaria ao seu repertório Alcina (Händel), Rosalinde (*O Morcego*), Agathe (*Der Freischütz*) e Leonore (*Fidelio*). Em 2017 estreou-se no Festival de Salzburgo como Gerhilde (*A Valquíria*), sob a direção de Christian Thielemann, tendo subsequentemente voltado a este papel wagneriano com a Filarmónica de Hong-Kong e Jaap van Zweden e também na Semperoper Dresden. Desde 2016, o papel de Leonore tornou-se numa das suas atuações mais elogiadas. Voltou a interpretá-lo em 2018 no Festival Styriarte, com o maestro Andrés Orozco-Estrada, e em 2020, com a Orquestra Barroca de Wrocław e Jos van Immerseel. Como solista, Johanna Winkel participou em muitas gravações premiadas, incluindo: *Die letzten Dinge*, de Louis Spohr, com a Bremen Kammerphilharmonie; *Moisés e Aarão* de Schönberg, com a Sinfónica SWR; obras de Mendelssohn, com o Coro da Rádio da Baviera; e a *Sinfonia Lírica* de Zemlinsky, com a Sinfónica da Rádio Nacional Polaca.

Michael Nagy

De ascendência húngara, Michael Nagy nasceu em Estugarda, em 1976. Iniciou a sua formação musical no Stuttgarter Hymnus-Chorknaben. Estudou canto, interpretação de lied e direção com Rudolf Piernay, Irwin Gage e Klaus Arp, em Mannheim e Saarbrücken, e participou nas *masterclasses* de Charles Spencer, Cornelius Reid e Rudolf Piernay. Em 2004 venceu o Concurso Internacional de Lied da Academia Hugo Wolf de Estugarda. Depois de duas temporadas na Komische Oper Berlin, integrou o elenco da Ópera de Frankfurt. Atualmente, Michael Nagy apresenta-se nos principais palcos mundiais, continuando a enriquecer o seu repertório: Wolfram, em *Tannhäuser* de Wagner, no Festival de Bayreuth; Hans Heiling, na ópera homónima de H. Marschner, no Theater an der Wien; Stolzius, em *Die Soldaten* de Zimmermann, com a Ópera da Baviera e o maestro Kirill Petrenko; Kurwenal, em *Tristão e Isolda* de Wagner, em Baden-Baden e Berlim, sob a direção de Sir Simon Rattle; o papel principal em *Il Prigioniero* de Dallapiccola, em Hamburgo; e a estreia mundial de *Edward II*, de Andreas Lorenzo Scartazzini, na Deutsche Oper Berlin. Muito solicitado como solista de concerto, colabora com grandes orquestras como a Filarmónica de Berlim, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Sinfónica de Chicago, a Sinfónica NHK de Tóquio, a Orquestra de Paris, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim, a New Japan Philharmonic ou a Sinfónica de Sydney. Apresenta-se também regularmente em recital e em importantes festivais como os de Schleswig-Holstein, Rheingau, Salzburgo, Tanglewood, Grafenegg e San Sebastián.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. A partir de setembro de 2023, Hannu Lintu assumirá as funções de Maestro Titular, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky **CONCERTINO***
Francisco Lima Santos **1º CONCERTINO AUXILIAR**
Bin Chao **2º CONCERTINO AUXILIAR**
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnón
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
David Ascensão
Flávia Marques
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Margarida Queirós
Sara Llano*
Catarina Resende*
Sylwia Namrozy*
Gonçalo Melo*
Miguel Nunes*

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes **1º SOLISTA**
Zachary Spontak **1º SOLISTA**
Cecília Branco **1º SOLISTA**
Jorge Teixeira **2º SOLISTA**
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Camille Bughin
Juan Maggiorani
Francisca Fins
Miguel Simões
Félix Duarte
Asilkan Pargana
Rosa Pinto de Sá*
Eurico Cardoso*
Luciana Cruz*
Nelson Nogueira*

VIOLAS

Samuel Barsegian **1º SOLISTA**
Lu Zheng **1º SOLISTA**
Leonor Braga Santos **2º SOLISTA**
Maia Kouznetsova
Artur Mouradian
Albert Payà
João Dinis
Precília Diamantino

Mariana Moreira
Teresa Fleming*
Bárbara Pires*
Milan Radocaj*
Márcia Marques*
Sandra Raposo*
Daniel Brito*
Bárbara Friedhoff*

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA
Marco Pereira 1º SOLISTA
Martin Henneken 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Raquel Reis
Hugo Paiva
Gonçalo Lélis
João Valpaços
Pedro Afonso Silva*
Fernando Costa*
Hugo Estaca*
Mariana Taipa*

CONTRABAIXOS

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rego 1º SOLISTA
Marine Triolet 2º SOLISTA
João Lobo
Romeu Santos*
Vanessa Lima*
João Vargas*
Sofia Faria Gomes*
Francisca Machado
Manuel Francisco*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Ana Filipa Lima 2º SOLISTA*
OBOÉS
Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS
Sara Dias 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José María Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO
David Dias da Silva 2º SOLISTA*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE
Cândida Nunes 1º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA
Rodrigo Carreira 1º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Jorge Pereira 1º SOLISTA*
Luís Campos 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

Paulo Alves 2º SOLISTA*
Diogo Ramos 2º SOLISTA*

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA
Cristiano Rios 2º SOLISTA*
Tomás Rosa 2º SOLISTA*
Marco Fernandes 2º SOLISTA*

PIANO

Karina Aksenova 1º SOLISTA*

HARMÓNIO

António Esteireiro 1º SOLISTA*

HARPAS

Ana Aroso 1º SOLISTA*
Salomé Matos 2º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

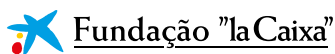
COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Fábio Cachão
Pedro Canhoto
Inês Nunes

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA

MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA

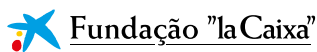
MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

MECENAS
CÍCLO DE PIANO

MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A.

Lisboa,
Março 2023

